

Se a Radiobrás continuar, a CPI não vai terminar

Dia de Reis. Não foram três, os Magos que apareceram na CPI do Orçamento. Eram muitos, em multidão, mas ninguém levava incenso, mirra ou ouro. Todos levaram enxofre, e aproveitando as câmeras fizeram as reclamações que provocaram momentos de energia por parte da mesa.

O que quem está de fora conclui, é que se a Radiobrás continuar transmitindo ao vivo as sessões, a CPI não acabará nunca. Acontece que todos os participantes sabem que quando terminam as inquirições, há uma reunião que o presidente Jarbas Passarinho já chama de "presumivelmente secreta". Mas diante das câmeras, o maior número de participantes possíveis levanta esta ou aquela questão de ordem, com tal habilidade, que quase nenhum olha para as máquinas de vídeo.

Os membros da CPI estão como estudantes em viagem pelo exterior. O dinheiro está acabando, a saudade aumentando, a estafa começa a chegar, já não querem mais fazer os passeios, fazem desdém das obras de arte e à noite querem dormir sossegados, sem que ninguém faça comentários. Sente-se, no ar, uma atmosfera de disputa, como se os últimos raios do pau-de-luz estivessem se apagando, e cada um quer aparecer mais do que o outro.

Este tem sido um grande mal para a televisão, porque ninguém quer mais reunião secreta. Todos querem que tudo esteja na televisão, da costa ao pantanal, aos olhos dos eleitores, na impaciência de ser notado. Há vezes em que o interlocutor, que está sendo focado, desaparece, com outro que surge ao seu lado na posição de papagaio de pirata. Há cenas ridículas de interferência no vídeo. Isto não leva o povo a crer no trabalho de nem todos os seus representantes.